

SONIA MARQUES 04

INTRODUÇÃO: DA REJEIÇÃO DO GALO

A escultura do Galo da Madrugada para o carnaval recifense de 2010 provocou inúmeras reações de descontentamento: apelidada de Frango do Meio-Dia, foi acusada de precariedade estética. Questionada a propriedade do gasto público com tal obra, abriu-se o debate sobre a acessibilidade cultural e os problemas de recepção. A jornalista Tereza Halliday (2010), entre outros, comentou o despautério de uma escultura que decepcionara o imaginário de muitos foliões. Desenvolvendo o raciocínio, afirmou a jornalista que esse desencontro entre expectativas de artista e público ocorreria mesmo quando o artista tem fama de bom. Exemplificou com as edificações de Oscar Niemeyer no Parque Dona Lindu, recomendou cuidado nas encomendas a artistas, arquitetos e ambientadores uma vez que, não raro, eles ignorariam gostos e necessidades do contratante, concluindo que “o contratado tem a missão de usar sua genialidade para amarrar o burro onde o dono sonha. Do contrário, pode dar zebra”. (HALLIDAY, 2010-A5).

Encaminhando o artigo a vários amigos, professores em universidades e ateliês, a jornalista sugeriu que fosse utilizado como matéria para reflexão com nossos alunos. Acolhendo a sugestão, o presente texto discute a relação entre gosto, qualidade arquitetônica e acessibilidade à obra de arte. Esta implicaria o dever de agradar ao público? Na obrigatoriedade da aceitação generalizada? A má acolhida invalidaria o valor de uma obra? Ou antes a acessibilidade tem a ver com a oferta, com o acesso democratizado, reconhecendo-se os limites de uma recepção consensualmente favorável?

DA DISTINÇÃO ENTRE GOSTAR E RECONHECER A IMPORTÂNCIA DA ARTE

Ao avistar, de passagem, a escultura do Galo, na ponte Duarte Coelho, achei-a menos imponente que em anos anteriores. Procurei perceber qual seria o material utilizado, o suporte, eventualmente, o novo processo de execução. São aspectos muito importantes para educadores e críticos que buscam olhar objetos e coisas do mundo, sobretudo aqueles ditos de criação artística, sem ter por objetivo a afirmação do próprio gosto, evitando um critério estético pré-concebido, questionando os valores hegemônicos.

Indagado sobre suas predileções, um dos maiores críticos de arte da atualidade, o professor de filosofia Arthur Danto afirmou ser muito conservador e adorar arte francesa do século XVIII, acrescentando: “Mas nem toda arte importante é necessariamente fácil de gostar. Não posso dizer que gosto do trabalho de Jeff Koons - mas o considero importante. Quem consegue realmente gostar do trabalho de Duchamp?”

Pergunto: Quantos conseguem realmente gostar de Marcel Proust? Ler e apreciar *Ulysses* de James Joyce? Ou *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa? Ou *O homem sem qualidades* de Robert Musil? Impopulares junto ao grande público, a importância desses autores parece incontestável. A ideia é, no entanto, difícil de ser aceita em tempos de populismo. A ditadura do populismo cultural não é nova na História, que se repete como farsa, na expressão de um grande autor. Tenho medo dessa tendência ao plebiscito que está a instalar-se recentemente. Não gostaria de Robespierres na nossa paisagem cultural. Imaginem se começarmos a queimar, vandalizar, destruir objetos artísticos considerados divergentes das novas afirmações identitárias?

Quando Milton Nascimento canta que todo artista tem que ir aonde o povo vai, não creio que queira dizer que agradar a multidões seja o imperativo da criação. Nem tampouco que a sanção popular seja garantia de melhor qualidade. Se fosse, Paulo Coelho teria mais méritos do que Machado de Assis. Telemann, ao que parece, foi mais popular e querido a sua época que Vivaldi. Certamente a arquitetura de Paulo Mendes da Rocha, prêmio Pritzker 2006 de Arquitetura, não agrada às grandes massas.

ARTISTAS E ARQUITETOS: A SERVIÇO DO CONTRATO?

Desde Vitruvius, questiona-se se arquitetura é arte, ato de criação que depende exclusivamente do indivíduo que concebe ou um serviço profissional que deve render-se aos ditames do contrato. Toda definição é em si arbitrária. Admitir que arte e arquitetura sejam ambas serviços a serem prestados como manda o cliente ou, pelo contrário, atividades autônomas é privilégio apenas do raciocínio que se queira seguir. Na maior parte das vezes, esse raciocínio é baseado em um desejo de como tais atividades deveriam ser. Tomo a História como referência, para não entrar no *wishful thinking*.

Até o mundo moderno era possível fazer uma certa distinção do grau de autonomia entre arquitetos e artistas: em parte porque as obras de arte eram, via de regra, menos caras que as de arquitetura. Van Gogh fez como quis sua pintura, sustentado pelo irmão Theo que vendia coisas mais palatáveis à burguesia endinheirada e pouco exigente. Já a maior parte da arquitetura de Le Corbusier ficou no papel.

Atualmente, contudo, os novos suportes artísticos, como instalações e vídeos, entre outros, custam muitas vezes mais caros que as edificações, diminuindo a possibilidade da realização da obra sem o poder da grana que “ergue e destrói coisas belas”. Donde o relativo menor



1. Cantando de Galo por Pablo Sousa, 2010.

grau de autonomia do artista.

A relação entre contratante e contratado é uma relação de força, de natureza completamente instável. O autoritário Barão Haussmann ficou conhecido por considerar os arquitetos como perdulários e por impor seus gostos e princípios àqueles que contratava. Mas esse era o populismo do segundo império. *Hélas!* Próximo ao Sarkozismo atual.

Desencontros entre expectativas e obra recebida não fazem sentido quando se trata de artistas com obra consagrada e conhecida. Contratados, espera-se que deles saia um determinado produto: um Brennand, um Niemeyer. Se, uma vez expostas ao público, as esculturas de Brennand escandalizam senhoras pernambucanas pudicas, é fato que escapa às questões da acessibilidade. Realizações de Niemeyer como o Espaço Ciência em João Pessoa ou como o parque Dona Lindu, podem, sem dúvida, ser criticadas sob aspectos diversos. Formalmente, no entanto, umas melhores, outras piores, no conjunto, as obras recentes de Niemeyer só podem decepcionar aqueles que não conhecem a sua obra precedente.

O que muda finalmente, ao longo da História, é a clientela da arte e da arquitetura e os demais membros do sistema de crença de bens simbólicos, como bem definiu Bourdieu (2006), que movem a produção do mercado artístico e definem as regras do gosto.

DA DECADÊNCIA DA QUALIDADE ARQUITETÔNICA OU DA CUMPLICIDADE ENTRE CLIENTES E INCORPORADORES

Emergentes endinheirados, celebridades recentes são a essência da clientela de arquitetos, via especulação imobiliária. Todos buscam originalidade: o resultado é um festival de mesmice e mau gosto. Em Natal, João Pessoa ou Recife é difícil encontrar alguma edificação recente de qualidade. Como dizia Lucio Costa: Muita construção, alguma arquitetura e um milagre. Este último, quando ocorre, é geralmente inacessível ao bolso da maioria. Os corretores louvam as virtudes (sic!) do que é novo, ainda “na planta”: a nobreza do bairro, a quantidade de banheiros e garagens, os incríveis aparatos de segurança, salões de festas, piscina, áreas de lazer, etc. Quando se trata de apartamentos usados, elogiam aqueles “completamente reformados, na cerâmica e gradeado”. “Embanheiradas” e engaioladas nossas edificações são. Basta por a cabeça na janela para ver. Iguais em sua maioria. Que não se condenem os arquitetos. Fazem uma arquitetura à altura do visual dos contratantes: galpões decorados, casas de recepção e igrejas universais já o atestam. Considero legítimo e legal oferecer a uma clientela sem educação do gosto serviços e espaços a sua imagem e semelhança. Porém, como parte dos atores do sistema de crença de bens simbólicos, acredito na educação do gosto, bem como no ímpeto que move uma sensibilidade criadora, necessário à produção artística. Wittgenstein disse que abandonou arquitetura e se tornou filósofo porque achava que era dotado de um gosto muito educado, muito elevado, mas faltava-lhe esse impulso autônomo, essa ousadia criativa que é de outra ordem. Sigo Wittgenstein nesse raciocínio que diferencia a sensibilidade analítica da sensibilidade criativa.

Acho, pois, desejável que, mesmo ao artista que se diz obrigado “a vender-se para poder comer” - palavras recentes de um aluno -, sobrasse algum tempo, a fim de que, uma vez nutrido, pudesse entregar-se aos desmandos de sua capacidade criadora, sem a tirania de uma encomenda de uma celebridade qualquer, sem render-se ao populismo dominante.

Temos uma geração ainda com sólida formação em arquitetura e mesmo alguns novos profissionais bastante competentes. Mas como enfrentar o mercado e o padrão das incorporadoras que definem a regra do jogo? Ninguém liga para a qualidade do projeto. Aliás, poucos sabem o que é qualidade de projeto. Senão, não contratariam imediatamente um decorador, perdão, arquiteto de interior, para reformar. Ou será “customizar”?

Não temos, na minha opinião, uma cultura de qualidade. Nem em arquitetura, nem em arte, nem em outros domínios. Perdemos aquela que foi de uma geração elitista: os modernistas. Muitos eram, sem dúvida, voltados para os valores ocidentais, colonizados e pouco atentos às nossas minorias e às diversidades populares. Mas tinham “senso de noção”. O que se perdeu na mobilidade social inclusiva em curso.

CONCLUSÃO

O vaticínio não me parece, contudo, negativo. Quando a poeira da revolução populista que assola grande parte do mundo passar - se passar -, mais milagres acontecerão. Até lá, em vez de pedir aos artistas que amarrem o burro onde o dono do burro manda, eu diria que é preciso encorajá-los. Parafraseando o poeta português Jorge de Senna, é preciso deixar florescer todas as flores, as que nos espinham, aquelas cujo odor nos incomoda, como todos os saberes; todos necessários e complementares em sua diversidade. Como disse o sábio crítico:

Mas há ainda um longo caminho que se relaciona à educação, para que finalmente consigamos convencer os cidadãos a aceitarem de bom grado que seu dinheiro seja aplicado a um patrocínio num tipo de arte que eles muitas vezes acham repugnante. A educação pode diminuir esta rejeição, mas não a eliminar. Não há nenhuma regra a priori que determine que qualquer tipo de arte será apreciado por todas as pessoas. (DANTO, 2005:131)❖

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Expressão utilizada pela professora Edja Trigueiro (UFRN) referindo-se à epidemia de revestimentos cerâmicos que dão às fachadas de nossos edifícios aspecto de banheiro.

#HALLIDAY, Tereza. Contratando Artistas e Arquitetos. In: *Diário de Pernambuco*, 01/03/2010, p. A-5.

#DANTO, Arthur. Entrevista concedida ao *The Nation*, traduzida e publicada em *Novos Estudos Ceprab* 73, nov. 2005. p.127-132.

#BOURDIEU, Pierre. *A produção da Crença: Uma introdução à economia dos Bens Simbólicos*. 3. ed. [S.l.]: Editora Zouk, 2006.